



01. Além do poema não apresentar uma crítica social contundente, nos últimos versos da primeira estrofe, o sujeito que trata o eu lírico como um boneco é “meu planeta”, e não a interlocutora (apresentada nesses versos pela expressão “meu anjo de Deus”).

Resposta: D

02. Os versos de Fagundes Varela são nitidamente ultrarromânticos, influenciados pelo mal do século, pelo *spleen* (tédio da vida), que marcaram a segunda geração romântica brasileira, e presentificam o pessimismo (“Tudo, tudo vai passando,/Mas eu pergunto chorando— Quando virá minha vez?”) e a morte (“Deixem-me os braços abrir/Ao sono da sepultura”, “Da morte na palidez”).

Resposta: B

03. Da leitura do texto em causa, pode-se deduzir (inferir, induzir) que a descrição que o poeta faz dos elementos da natureza (vento, folhas, pedras, fonte) é meramente decorativa, paisagística, sem a personificação desses elementos, como se faz no Romantismo, daí a natureza constituir apenas um quadro convencional no Arcadismo, que serve de amparo para exaltar a beleza da mulher amada.

Resposta: B

04. De fato, o eu lírico manifesta tanto seu apreço a Goethe, o fantástico alemão, quanto insatisfação a ele ao dizer “Nos teus romances/ meu coração deleita-se... Contudo/ Parece-me que vou perdendo o gosto”. Assim, ocorre com Lamartine, que ele chama “monótono” e, ao mesmo tempo, “belo como a noite”.

Resposta: E

05. De fato, há dificuldade para o eu lírico de conciliar a idealização amorosa com a realização amorosa em termos de posse física. Justifica-se pela passagem: “Oh! Ter vinte anos sem gozar de leve a ventura de uma alma de donzela! E sem na vida ter sentido nunca na suave atração de um róseo corpo...”

Resposta: A

06. No excerto da alternativa C, pertencente a um poema da segunda parte do livro *A lira dos vinte anos*, estão presentes a ironia e o tom prosaico. O verso, “Minha lavadeira na janela”, foge do sentimentalismo e da idealização romântica.

Resposta: C

07. Quando o eu lírico afirma que “... e só de ver-te/ Eu sinto os lábios meus se abrir de sono”, em face dos dois versos iniciais, ele evidencia a ironia romântica, desfazendo a leitura inicial, que parecia elogiosa.

Resposta: A

08. Infere-se da leitura do texto que não há características saudosistas no poema, e sim uma exaltação da mulher e a possibilidade de concretização do amor.

Resposta: E

09. O poema “Namoro a cavalo”, pertencente à segunda parte de *Lira dos Vinte Anos*, distancia-se do idealismo para tratar de aspectos corriqueiros da existência humana. O tratamento temático é ainda romântico, mas a nota cômica que salta aos olhos aqui e ali permite perceber alguma diferença.

Relata-se um desastrado encontro amoroso que foge em tudo da média romântica. O próprio enamorado registra o momento final do episódio: “Circunstância agravante. A calça inglesa / Rasgou-se no cair de meio a meio, / O sangue pelas ventas me corria / Em paga do amoroso devaneio!”. Como se vê, nada que faça lembrar os abraços e beijos – mesmo que sonhados – das aventuras amorosas do romantismo. Assim, está errada a opção B, ao afirmar que a situação narrada não permite ao poeta nenhuma tentativa de autocrítica. O poema é uma crítica da visão idealizada do amor romântico e uma autocrítica do próprio poeta.

Resposta: B

10. A poesia romântica é composta de três fases: nacionalista ou indianista (1ª geração), por um profundo pessimismo, valorização da morte, tristeza e uma visão decadente da vida (2ª geração) e por uma poesia social (3ª geração).

O enredo de *Noite na Taverna* se passa com um grupo de jovens numa taverna. Reunidos, eles contam histórias por assuntos diversos, mas com um elo comum: todas são trágicas, impregnadas de vícios, de crimes hediondos que vão de assassinatos a incestos, de infanticídios e fratricídios. Todos os casos são repassados de amor pervertido, o que contraria a opção II.

Resposta: E